

Práticas de registro e processos de ensino-aprendizagem da arte

POR SUMAYA MATTAR¹

Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo.

Epicuro

Muito do que pensamos, sentimos e imaginamos dissipa-se rapidamente sem deixar rastros e/ou criar lastros; outra parte, contudo, pode alcançar a superfície e encontrar outros destinos.

Para além dos muitos significados que a palavra *registrar* pode ter, interessa-me, aqui, refletir sobre a relação desta atividade com os processos de ensino-aprendizagem da arte e analisar seu potencial para fazer emergir conteúdos que, de outro modo, continuariam inacessíveis aos próprios sujeitos, neste caso, os educadores e os aprendizes.

Desenho e escrita, o início de uma perspectiva metodológica

O hábito de registrar foi se instalando de forma gradual em minha vida. Duas linguagens, que continuo utilizando frequentemente, acompanham-me desde pequena, o desenho e a escrita, ainda que cada vez mais elas apareçam de forma fundida e/ou híbrida em minhas produções e proposições.

Assim como ocorria com outras crianças e adolescentes, lápis, caneta e papel eram fiéis companheiros em minha infância, ajudando-me a dar forma às impressões e à profusão de coisas reais ou imaginárias que passavam pela minha cabeça.

Meus primeiros cadernos de registro eram repletos de imagens, colagens e anotações de toda ordem, também feitas em abundância em inú-

1. Docente do Departamento de Artes Plásticas e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da ECA-USP. Licenciou-se em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tendo realizado mestrado e doutorado na FE-USP. Desenvolve projetos de pesquisa e projetos de formação de professores de arte voltados à criação didática e coordena projetos de ação educativa com abordagem interdisciplinar, envolvendo crianças do ensino fundamental, jovens, adolescentes e adultos. Contato: sumayamattar@usp.br.



Sumaya Mattar em palestra na Semana de Planejamento do Teatro Escola Macunaíma realizada em julho de 2016.

meros papéis avulsos. As fontes principais dessas produções eram as ricas experiências que tinha o privilégio de vivenciar, assim como o eram meus sonhos, dúvidas, medos e incertezas.

Às vezes, mostrava os cadernos ou as folhas de papel avulsas para algum adulto, mas isso acontecia pouco, pois, na verdade, desenhava e escrevia para mim mesma, por puro prazer e necessidade, e ainda por reconhecer, naquelas atividades, um precioso auxílio para lidar com minhas questões e indagações, tanto quanto para me distanciar das realidades imediatas e projetar-me em outros tempos e cenários.

Desenhar e escrever possibilitavam que eu explorasse, conhecesse, nomeasse, organizasse e reinventasse o mundo e exercitasse minha imaginação. Assim aprendia a pensar, planejar, projetar e desenvolvia minha capacidade criadora. Mal desconfiava que, ali, tinha início a formulação pessoal de um poderoso instrumento que, pouco a pouco, aperfeiçoaria e estenderia ao trabalho com pessoas, especialmente educadores e estudantes de arte.

Com o tempo, as *práticas de registro*, também denominadas por mim *cartografia ou exercícios cartográficos*, tornaram-se fundamentais em todas as minhas atividades: as experiências com o teatro e as artes visuais; a atuação como professora de arte, na Educação Básica, e como professora de artistas e arte-educadores no Ensino Superior; o trabalho com a formação continuada de professores; o percurso pessoal como estudante em cursos de graduação e pós-graduação, e as inúmeras atividades de extensão e pesquisa, tanto na realização quanto na orientação de projetos, entre muitas outras atividades.

Reflexão e aprendizagem pela prática

Há muito tempo, sei do papel fundamental dos *diários* nos processos de criação, pois sempre me

interessei pelas biografias e os processos de criação de artistas, o que, de alguma forma, desde cedo me colocou em contato com este precioso instrumento utilizado por muitos deles. Por meio dos cadernos, podemos conhecer muita coisa pertinente ao universo produtivo de artistas, escritores, cientistas, poetas, e, por extensão, aos processos de criação.

Descobrimos, por exemplo, a gênese de algumas obras, ideias e conceitos e o raciocínio que os presidem, como é o caso de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, fruto das anotações que fez durante a longa viagem a lombo de burro ao sertão de Minas; ou da obra de Constantin Stanislávski, que desde pequeno cultivava cadernos de anotações, e escreveu seu sistema de preparação de atores com base na maiêutica socrática e na forma de caderno de apontamentos, criando uma sala de aula fictícia para retratar, ao invés de explicar, o processo de atuação.

Ainda que soubesse da importância que os cadernos de notas assumem nos processos de criação, foi com o desenvolvimento da pesquisa que resultaria em minha tese de doutorado, em que tive a oportunidade de realizar um profundo mergulho no universo da aprendizagem artesanal, que passei a compreender com mais profundidade a importância do *aprender fazendo* e o papel desempenhado pela reflexão no desenvolvimento da inteligência criadora, aos quais o ato de registrar vincula-se em absoluto.²

2. Trata-se da tese defendida no ano de 2007, na Faculdade de Educação da USP, intitulada *Descobrir as Texturas da Essência da Terra: Formação Inicial e Práxis Criadora do Professor de Arte*, publicada em 2010, com o título: *Sobre Arte e Educação: Entre a Oficina Artesanal e a Sala de Aula*, pela Papyrus Editora. Para realizar a pesquisa, investiguei os modos de produção e transmissão de conhecimentos de Izabel Mendes da Cunha e Shoko Suzuki, ceramistas que se vinculavam, cada qual, a um universo tradicional, com enfoque nos valores e elementos metodológicos dos processos de ensino-aprendizagem por elas conduzidos; no papel exercido pelos meios físico, social e cultural em suas produções; na relação que estabeleciam com a educação formal e na preservação e renovação de técnicas, materiais, procedimentos e padrões estéticos ao longo de gerações.

Com a contribuição do vasto campo teórico denominado *epistemologia da prática*³, passei a privilegiar ainda mais o lugar da *experiência* nos processos de ensino-aprendizagem da arte e na formação de educadores, o que determinaria mudanças profundas em minha maneira de pensar e de organizar o trabalho pedagógico com diversificados grupos de pessoas, tanto na universidade quanto em outros locais.

Em consonância com a perspectiva reflexiva na formação de professores, comecei a explorar, em minhas aulas na graduação e na pós-graduação, concepções ampliadas de registro, o que acabaria por repercutir em inesgotáveis possibilidades produtivas, vinculadas a processos individuais e grupais de aprendizagem e criação, tanto no campo existencial (os projetos de vida, por exemplo), como nos campos acadêmico e profissional.

Desde então, venho ampliando e intensificando as possibilidades de elaboração de registros, associando-as a outros instrumentos igualmente capazes de colocar os sujeitos em relação dinâmica consigo próprios e o mundo. Entre esses instrumentos, estão: o *relato autobiográfico*, o *registro poético* e a *criação didática*, que tenho denominado *exercícios cartográficos*, um campo que comporta inúmeras possibilidades construtivas, inclusive, intersemióticas.

A potência desses exercícios, que há quase duas décadas vêm sendo propostos por mim, aponta para uma fértil perspectiva metodológica para a formação de professores e o trabalho com a arte, perspectiva essa que venho ampliando e aprofundando.

Os referidos exercícios são invariavelmente

propostos ao longo de um determinado período de tempo (geralmente, um semestre letivo) e em contextos bem específicos, tais como disciplinas de graduação e de pós-graduação ministradas por mim, cursos de especialização e grupos de formação continuada de educadores.

Em sua maioria, são realizados individualmente pelos participantes, já que estão voltados para o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre a própria trajetória e o exercício poético, podendo alcançar, inclusive, os projetos de vida e os projetos acadêmicos e profissionais.

Introduzi por meio da *cartografia*⁴ – que engloba todas as *práticas de registro* que proponho e culmina na criação de aulas – um sentido *temporal* e *topológico* aos percursos pessoais de formação.

Deste modo, o que advém das várias traduções poéticas feitas pelos participantes vai sendo chamado de *exercício cartográfico 1*, *exercício cartográfico 2*, e assim por diante, de sorte que também os planos de aulas, que são produzidos durante o intenso trabalho de criação que se dá na última etapa do processo e valem-se do exercício cartográfico, são pensados e formalizados como *mapas*.

Cartografia e exercícios de antecipação

A *cartografia* favorece a representação multifacetada – simbólica ou real – de um ponto de partida e a antecipação/projeção de um ponto de chegada, ou seja, o traçado do caminho que se deseja percorrer e a visualização do já percorrido, além das necessárias e inevitáveis possibilidades de mudanças de rota, e isso pode se dar com diferentes linguagens juntas, ocupando o mesmo suporte e/ou plano.

3. Refiro-me, sobretudo, às ideias de reflexão-na-ação, de Donald Schön; de reflexão coletiva em comunidades de aprendizagem, de Kenneth M. Zeichner; e de prática educativa como processo hipotético e experimental, de Lawrence Stenhouse. Para saber mais sobre o assunto, consultar: MATTAR, Sumaya. *Sobre Arte e Educação: Entre a Oficina Artesanal e a Sala de Aula*. Campinas: Papirus, 2010.

4. O campo de conhecimento identificado como Cartografia engloba estudos e operações científicas, artísticas e técnicas baseadas em observações diretas ou a partir de documentos, objetivando a elaboração e preparação, entre outras coisas, de mapas.

O exercício cartográfico também possibilita a representação de um tema, objeto ou fenômeno, a organização e o encadeamento de conceitos, a comunicação de pensamentos e o desenvolvimento da imaginação, já que seu alcance não se limita à realidade nua e crua.

Ao favorecer a escolha de suportes, palavras, imagens, materiais, símbolos e demais elementos gráficos e/ou pictóricos, a alocação de hipóteses em áreas centrais e/ou periféricas e a visualização do transcurso percorrido e/ou a percorrer, ao lado dos demais exercícios propostos, o exercício cartográfico afirma-se como importante prática de registro e um poderoso instrumento de *criação didática* e artística, capaz de promover nos participantes intensa operação intelectual e artística e favorecer a visualização de seus percursos de aprendizagem.

Para que se possa ter uma ideia da perspectiva metodológica em questão, a seguir, apresentarei brevemente: o *relato autobiográfico*, exercício com o qual o processo de trabalho tem início; o *registro poético*, que perpassa todo o processo formativo; e a dinâmica que sustenta a *criação didática*, que coroa todo o processo.

Relatos autobiográficos e exercícios da memória

Já na primeira semana de aula, quando os participantes ainda não se conhecem, fazendo alusão ao belo texto *Gaveta dos Guardados*, de Iberê Camargo, após a leitura do mesmo, peço que quando estiverem em suas casas, abram suas *gavetas de guardados*, escolham o que de mais importante houver nelas relacionado às suas experiências com a arte e elaborem uma reflexão escrita sobre este material.

O *relato* deve, necessariamente, ser concluído com a enunciação clara de um *propósito* pessoal

para os campos da arte e/ou da educação e, em seguida, ser *traduzido* poeticamente por meio de uma materialidade eleita por cada um.

Na semana seguinte, quando as *cartografias* começam a ser apresentadas, dada a natureza bastante subjetiva do exercício, cada participante passa a ser visto em sua individualidade, o que gera profunda conexão entre todos, quando tem início, de fato, a constituição do grupo.

Ao término das apresentações dos relatos, já por volta da terceira semana de trabalho, o grupo já está absolutamente consolidado, uma condição fundamental para o trabalho colaborativo que sustentará as propostas que serão feitas nas semanas subseqüentes e culminarão, no último mês de trabalho, em um intenso processo de criação e ministração de aulas.

Desde que comecei a utilizar o *relato autobiográfico*, esse exercício tem se revelado uma poderosa e genuína *prática de si*, verdadeiramente emancipatória, que, entre outras coisas, conecta o sujeito com a própria história e a história social; põe em movimento sua energia criadora e favorece o desenvolvimento de sua autonomia. Daí sua importância nos processos de formação de educadores, estudantes de artes e pesquisadores.

Registro poético e inteligência criadora

Enquanto o *relato autobiográfico* faz com que o sujeito debruce-se sobre sua própria história e seu próprio processo de aprendizagem, outro exercício, denominado por mim *registro poético*, tem como objetivo fazer com que os participantes não olhem apenas para si mesmos, tornando-se capazes de lançar seu olhar também para os outros e para os contextos de aprendizagem.

Mas como isso se dá?

A cada semana, uma pessoa do grupo assumirá o desafio de *registrar* a aula ocorrida no dia, de

modo que, até o final do processo formativo, todas tenham passado por essa experiência. Quando os grupos são muito grandes, mais de uma pessoa faz o registro da aula; quando são muito pequenos, uma mesma pessoa pode fazer mais de um registro. A regra é simples e todos a seguem; todas as aulas devem ser registradas e todos, sem exceção, precisam passar pela experiência de fazer o exercício.

A pessoa sabe de antemão qual o dia que ficará responsável pelo registro. Assim, naturalmente, durante a aula que será objeto de sua atenção, seu papel distingue-se dos demais participantes que a estão vivenciando. Ainda que ela esteja presente e participe de todos os momentos da aula como os demais, o faz de modo muito mais atento, com certo distanciamento, como um observador-participante.

Por isso, às vezes, o registro já começa a ser pensado e planejado na própria aula, quando a pessoa pode fazer uso de anotações, gravações, fotografias, desenhos, por exemplo; outras vezes, ela simplesmente vê e ouve com mais atenção.

O fato é que saber de antemão que a tarefa ficará a seu cargo interfere na qualidade do seu olhar. Sabe que terá de levar, na semana seguinte, a tradução poética de suas impressões e que o seu registro introduzirá a próxima aula, amalgamando-a às anteriores.

Neste sentido, o exercício contribui para a construção de um sentido de continuidade entre uma experiência de aprendizagem e outra, algo fundamental em um processo de aprendizagem que se pretenda significativo.

Assim vai se dando o trabalho com o *registro poético*; semana a semana, um a um exercita-se no desafio de lançar um olhar particular para a experiência vivenciada coletivamente, traduzindo-a poeticamente.

Ele sabe que tal *tradução*, a não ser que a materialidade que eleger passar pela palavra, não precisa ser feita com uso exclusivo da linguagem escrita, como ocorre com o *relato autobiográfico*.

O convite é para que explore, pesquise e experimente linguagens, materialidades e procedimentos que lhe são pouco familiares, mas com os quais tem alguma afinidade *poética*. Tal tradução é por mim denominada *síntese poética*.

Mas que operação é esta, a de *sintetizar* algo poeticamente?

Trata-se de um exercício de reflexão sobre o que individualiza aquela experiência, o que a torna singular no processo coletivo em curso, que envolve busca, seleção e um movimento de tradução daquilo que foi essência na experiência vivenciada coletivamente. É, pois, uma operação complexa da inteligência criadora, que nada tem a ver com ações mais simples como resumir ou descrever algo, por exemplo.

A partir do momento em que a singularidade da experiência revela-se para a pessoa que fará o registro, tem início um movimento para transformá-la em algo com qualidade poética, já que uma experiência de aprendizagem tem sempre qualidades estéticas, ainda que essas nem sempre fiquem claras para os participantes.

Deste modo, o sujeito que tem o desafio construtivo de fazer a síntese poética daquilo que considera que foi essencial para todos na experiência vivenciada tem sua inteligência criadora posta em movimento.

Assim começa o processo de criação propriamente dito, envolvendo, entre outras coisas: levantamento de hipóteses, pesquisa, seleção, experimentação, e, finalmente, a materialização em algo.

Dada sua complexidade, o *registro poético* aprimora o olhar e amplia as possibilidades de ação



Registros poéticos de alunas da turma do ano de 2015, da disciplina de pós-graduação da ECA-USP: Arte, Experiência e Educação, Cartografias de Si: Percursos Formativos e Processos de Criação de Professores-Propositores.

criadora tanto do educador quanto do artista, cujos papéis integram-se na pessoa que realiza o exercício.

A maneira como os participantes lidam com o exercício é muito variada. No início, ficam bastante preocupados, com medo, até porque a grande maioria das pessoas que compõem os grupos, com exceção daqueles que já são artistas e/ou dos alunos de artes visuais, geralmente são professores, que, comumente, estão afastados das práticas artísticas.

Por isso, chega a ser assustador para alguns o desafio de fazer algo absolutamente singular, que envolve escolhas muito pessoais e revela sua subjetividade, não raro, negada em seus espaços de trabalho, e apresentá-lo, na semana seguinte, a um grupo de pessoas, de modo que elas possam ver algum significado naquilo, pois, afinal, aquele objeto refere-se a todas elas. Mas além de angústia e apreensão, o exercício também pode propiciar prazer, satisfação e o sentido de realização que a criação artística proporciona.

Ao lado das outras propostas feitas ao longo do processo, o *registro poético* possibilita que todos os envolvidos exercitem-se poética e reflexivamente e, em algum momento, assumam o protagonismo em relação às outras pessoas, pois vão mostrar e falar e serão vistas e ouvidas.

Uma miríade de ações construtivas pode ser desenvolvida pelos participantes. Há quem faça desenhos, pinturas, colagens, costuras, gravuras, esculturas, bordados, fotografias, filmes, ou seja, trabalhos no campo das artes visuais e/ou das atividades manuais, e há quem parta para trabalhos que envolvem outros campos, como o corpo, o som e a palavra, por exemplo.

É incomensurável a quantidade de possibilidades expressivas para a realização deste exercício, daí sua enorme potencialidade, já que abre um campo de criação absolutamente infinito que pode se estender para os vários setores da vida dos participantes.

Criação didática: a integração entre artista e educador

Deixei há muito anos de utilizar o tradicional esquema de planejamento de aula, em que se

pede aos professores para preencherem tópicos como: objetivos gerais, objetivos específicos, conteúdos e metodologia.

No lugar disso, nos processos de formação inicial e continuada de professores, proponho um *exercício cartográfico* aos participantes, que aciona um dinâmico e vigoroso trabalho intelectual e resulta em aulas originais, de inquestionável qualidade, e em substancial produção de conhecimento e ganho expressivo.

A partir da definição de um *propósito*, de uma *imagem poética* e de um *título*, tem início a criação da aula, que pode tanto se dar individualmente, como envolver outras pessoas, a depender dos grupos.

As seguintes perguntas são lançadas para os participantes:

- *O quê?* (qual o objeto de estudo da aula?);
- *Por quê?* (em que se justifica a proposta?);
- *Para quê?* (quais os objetivos da aula);
- *Como?* (explicitação da metodologia que possibilitará o desenvolvimento do que se deseja realizar);
- *Com o quê?* (quais recursos serão utilizados);
- *Onde?* (em que locais a aula se desenvolverá?);
- *Quando?* (qual o momento propício para o desenvolvimento da proposta?).

A busca de respostas a essas perguntas instaura um processo de criação que vai se dando na conjugação dos conhecimentos teórico-práticos construídos pelos participantes até então, desde aqueles relacionados à sua formação e experiência pessoal até os pertinentes às suas experiências acadêmico-profissionais.

As respostas formuladas configuram um texto rigoroso de conteúdo genuíno e representam a proposta da aula que será ministrada aos colegas do grupo.

O plano é então traduzido em um *mapa*, uma representação simbólica verbo-visual do projeto da aula, em que tudo que dela fará parte pode estar incluído, sobretudo as hipóteses do educador e a organização espaço-temporal da proposição.

A experiência de criar, ministrar aula e

vivenciar as propostas dos colegas consolida a aproximação entre docência e prática artística, porquanto a dinâmica de trabalho favorece a integração entre o educador e o artista na práxis educativa.

Com isso, entre muitas outras coisas, os participantes compreendem que a docência da arte exige estudo, pesquisa e planejamento, com base nos sujeitos e nos contextos escolares, e quanto mais for exercida de forma criadora, mais gratificante será.

Debruçar-se sobre si mesmo

Registrar (ou cartografar) pressupõe a capacidade de o sujeito distanciar-se de situações imediatas, traduzindo em algo objetivo o aprendizado que adquiriu em suas experiências, ou seja, o que de mais substancial pôde observar, pensar, imaginar e sentir ao vivenciá-las.

A tradução de tal substancialidade em algo que se vincule a uma experiência particular permite que os conteúdos acessados sejam inseridos no fluxo contínuo da atividade consciente, ficando disponíveis para serem utilizados pela pessoa de forma deliberada.

Assim, o ato de registrar contribui para que o sujeito coloque-se de forma ativa em relação a si e à própria aprendizagem, ultrapassando as muitas dificuldades com as quais pode se deparar.

Escrever, inscrever, gravar, grafar, assinalar, consignar, historiar, referir, mencionar, marcar, memorizar, anotar, entre outras, são algumas das atividades relacionadas à ampla e complexa esfera da *cartografia* e das *práticas de registro*, que sempre envolvem a correlação entre: atenção, reflexão, imaginação, vontade, desejo, inteligência e memória.

Nessa perspectiva, *registrar* (ou cartografar) pode se desdobrar em inúmeras possibilidades construtivas, tais como: *anotações, portfólios, esboços, poemas, dramatizações, pinturas, desenhos, fotografias, gravações, performances, cartas, mapas, diários*, entre muitas outras.

O ato de registrar acompanha o fluxo das dinâ-

micas criadoras, podendo ser inventado e reinventado o tempo todo e dar origem a uma profusão de ações que envolvam múltiplos procedimentos, linguagens, instrumentos e materialidades.

Tal maneira de pensar e trabalhar o registro é pouco comum e em muito se distancia da ideia de *controle* que assola a educação escolar (e também a superior) e impõe aos educadores processos absolutamente burocráticos representados por uma enorme quantidade de documentos substancialmente ociosos, que em nada contribuem para a aprendizagem de estudantes e professores e a melhoria da qualidade do trabalho educativo. Entre esses documentos (escritos e/ou eletrônicos), estão, por exemplo, relatórios, atas, planilhas, formulários, pastas e diários de classe.

Muitíssimo distante dessa perspectiva, *registrar* é um importante recurso nos processos de criação artística, pedagógica e científica e nos processos formativos de modo geral, sobretudo aqueles que se voltam à construção da autonomia e do pensamento crítico dos estudantes.

Desenhar, pintar, esculpir, recortar, colar, pregar, escavar, costurar, bordar, alinhar, narrar, mapear, cantar, tocar, dançar, representar, jogar, fotografar, e, claro, *escrever*, entre muitas outras ações, guardam uma grande potência de transformação e pressupõem sujeitos que exerçam com liberdade sua capacidade de pensar e agir, colocando-se de forma crítica e inventiva no mundo.

Naturalmente, essas são as pessoas que têm mais possibilidades de modificar a si mesmas e de promover transformações nos locais em que atuam, a começar, no caso específico de professores, pelas próprias aulas que ministram.

Não por outra razão, vivências de práticas reflexivas e criativas são negadas em contextos educativos pouco democráticos, nos quais a palavra de ordem é o engessamento de corpos e mentes, e em que *registrar* é atividade obrigatória imposta aos professores, sobre os quais exerce forte papel de controle e coerção.

O educador dificilmente romperá solitariamente com tal *modus operandi*. É preciso que a ele

sejam propiciadas oportunidades para vivenciar e experimentar outras formas de se relacionar com a própria práxis, para que compreenda que pode e deve trabalhar sobre si mesmo, sem ficar alheio aos contextos e às outras pessoas, e, ainda, que pode se valer do exercício poético e das múltiplas linguagens artísticas para isso.

Debruçar-se sobre as próprias experiências raramente se dá de forma espontânea entre adultos, sobretudo entre professores que, de modo geral, vivem sob pressão e/ou têm pouco incentivo para exercitar a reflexão e a crítica.

Neste sentido, refletir sobre as experiências pessoais, acadêmicas e profissionais e encontrar um destino singular para os conteúdos advindos deste exercício aproxima-se do hábito de ler.

Ora, não nascemos sabendo ler, tampouco, gostando de ler; aprendemos a ler e a gostar de ler, entrando em contato com a leitura, ou seja, lendo.

Assim vamos nos dando conta de que os textos ampliam nosso conhecimento e a percepção de nós mesmos e do mundo, nos ajudando a viver melhor. Então passamos a fazer uso deles de forma deliberada.

O mesmo ocorre com as *práticas de registro* e/ou a *cartografia*. De nada adianta impô-las; é necessário que ao sujeito sejam oferecidas oportunidades para rememorar, refletir, experimentar, desejar e exercitar-se poeticamente, de tal sorte que o ato de registrar possa ganhar significado e ser incorporado em sua rotina.

Considerações finais

Os olhares diacrônico e sincrônico mobilizados pela reflexão sobre a prática possibilitam a reelaboração de experiências e a instauração de um movimento contínuo de reflexão e reinvenção que, em última instância, favorece ao educador a apropriação de conhecimentos tácitos e a autoria do trabalho pedagógico.

Dadas a multiplicidade de linguagens e as infinitas possibilidades materiais e procedimentais com que os registros podem ser produzidos, a

incorporação de tal prática no trabalho docente promove um dinâmico e contínuo movimento de construção de memória e autoria, permitindo que processos e saberes tornem-se visíveis e comunicáveis e sejam retomados e sistematizados a qualquer tempo.

Do mesmo modo, a perspectiva cartográfica impulsiona e dá sustentação ao processo de *criação didática* e auxilia na organização estrutural do trabalho educativo.

Para que façamos frente ao esvaziamento dos processos de ensino-aprendizagem da arte e à práxis imitativa que tem marcado a docência da arte no espaço escolar, na universidade e em outros espaços educativos, é fundamental que estudantes, educadores, pesquisadores e artistas coloquem-se de forma ativa e dinâmica em relação aos contextos, aos sujeitos neles envolvidos e a si mesmos, aprendendo com as próprias experiências e lançando-se a novas possibilidades de pensar e agir.

Deste modo, as *práticas de registro* não podem ausentar-se nem ser desprezadas, já que são práticas verdadeiramente emancipatórias e libertadoras.

Referências Bibliográficas

- CAMARGO, Iberê. *Gaveta dos Guardados*. São Paulo: Cosac Naif, 2010.
- MARINA, José Antonio. *Teoria da Inteligência Criadora*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
- MATTAR, Sumaya. *Sobre Arte e Educação: Entre a Oficina Artesanal e a Sala de Aula*. Campinas: Papyrus, 2010.
- _____; ROIPHE, Alberto. *Arte e Educação: Ressonâncias e Repercussões*. São Paulo: ECA-USP, 2016.
- ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.
- STANISLÁVSKI, Constantin. *A Preparação do Ator*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2014.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. ■

Registros como instrumentos de formação e de criação

CECÍLIA WARSCHAUER¹

Os Registros fazem parte de minha vida desde os onze anos de idade, quando comecei a escrever um Diário. E não parei mais. Essa prática ampliou-se para as atividades profissionais, diversificando-se. Por três vezes em minha vida, reduzi o ritmo de trabalho para poder analisar os Diários e as novas formas que os Registros foram tomando, assim como seus resultados para os grupos que passaram a incorporá-los em seu cotidiano. Essas análises resultaram em três livros abordando suas características, usos e benefícios, em contextos diferentes de vida e trabalho. O primeiro como professora de crianças, jovens e adultos. Depois na formação de professores em escolas e universidades. E em seguida no campo empresarial, formando líderes e suas equipes, assim como organizações como um todo, criando um “ambiente formativo”. Mas os Registros também têm sido úteis nos desafios da vida pessoal, não só pela escrita de diários, como no acompanhamento de meu pai, durante a velhice e doenças. Registros de diferentes tipos fizeram parte desse processo, com estratégias para lidar com o tempo (escasso no meu caso e ocioso no dele), com os limites de sua memória e cognição e com nossa afetividade imensa, que pedia uma solução para vivê-la. Os Registros foram grande parte da solução, recriados dos tempos da professora “primária”.

Para além de uma técnica, entendo os Registros como instrumento para a construção do humano, pois eles deixam marcas do vivido, das reflexões sobre elas, e abrem-se, indefinidamente, para

novas possibilidades de retomada e atribuição de sentidos. O humano que se constitui, por sua vez, pela relação com o outro, pelo entrelaçamento das histórias individuais, pelo tecido das histórias coletivas. Por isso os Registros são tratados nos livros juntamente com as Rodas de partilha.

Isso fica evidente nos três livros, que contam as histórias de vários grupos. Em cada um, os Registros iam sendo elaborados como solução para os problemas específicos de cada contexto, a começar pela construção de uma metodologia de trabalho para o docente, como é o caso do Diário do professor, à semelhança do “Diário de campo” de um antropólogo. Registros também usados como forma de tecer projetos interdisciplinares, de organizar os conhecimentos, de construir uma memória e a identidade de seus a(u)tores, resultando em motivação para os alunos em desenvolvimento ou professores em formação, além de minha própria motivação, pela criatividade, sentido e inovação que acompanhavam essas práticas. Registros como ferramenta para a criação e concretização das obras em construção: livros dos alunos, cadernos de reflexão de professores, com o planejamento e avaliação de suas práticas, álbuns de fotos e textos com histórias de vida, como a de meu pai. Registros que quando retomados como matéria de reflexão, dão origem a novos, como os três livros da “trilogia das Rodas”. Registros em Rede dando continuidade à espiral de formação e criação.

Neste artigo, reúno algumas reflexões e tipos de Registros tratados nos livros. E, para situar o contexto mais amplo, no qual as reflexões estão situadas, faço uma rápida apresentação de cada um.

A Roda e o Registro: Uma Parceria Entre Professor, Alunos e Conhecimento é a publicação da dissertação de mestrado, iniciado em 1987, quando pensei pela primeira vez que seria

1. Mestre e doutora em Educação pela USP. Trabalhou da Educação Infantil à Universidade e atuou na coordenação e formação de professores em instituições no Brasil. Deu aulas em cursos de mestrado e conferências em universidades de Portugal, França e Suíça, apresentando o resultado de suas pesquisas e das práticas com a metodologia Roda & Registro®. Autora de livros e artigos, Cecília dá consultoria para o desenvolvimento de pessoas e organizações no Brasil e no exterior e conduz atividades de formação para grupos em seu ateliê das Rodas.

interessante registrar em forma de livro o que tinha vivido em uma escola com as crianças. A emoção que vivera naqueles anos, e o interesse despertado quando eu contava o que fazíamos me impulsionavam. Foi quando decidi retomar os vários registros – diários de reflexões sobre o cotidiano da sala de aula, os textos e os desenhos dos alunos – para refletir sobre eles no curso de mestrado, buscando interlocução com pesquisadores e autores. Queria descobrir o que

havia possibilitado aquele tipo de motivação, dos alunos e minha, e o que nos ajudou – e como – a costurar os conteúdos curriculares com os temas de interesse, que emergiam espontaneamente das conversas. São narrativas da pesquisadora que se utiliza dos Registros da professora e de seus alunos. A dissertação foi publicada em 1993, evidenciando os dois instrumentos metodológicos daquela prática pedagógica: A Roda e o Registro.

O segundo livro, *Rodas em Rede: Oportunidades*



ROBERTA CARBONE

Cecília Warschauer em palestra na Semana de Planejamento do Teatro Escola Macunaíma realizada em julho de 2016.

Formativas na Escola e Fora Dela, é a publicação da tese de doutorado, na qual pesquisei a formação humana em um sentido mais amplo, não restrita à formal, escolar, acadêmica ou técnica. Formação entendida não como um somatório de cursos e diplomas, mas como um *processo* no qual aquele que se forma tem função ativa, atribui sentidos próprios às suas experiências com os outros, com os ambientes e consigo mesmo. É um movimento dinâmico, que se estende por toda a sua vida, nos diferentes espaços e tempos. Inclui rever sentidos ao abordá-los segundo novas perspectivas e contextos de vida, aproveitando de forma consciente as diversas experiências que o sujeito vive como oportunidades de formação, inclusive as do seu ambiente de trabalho.

O terceiro livro, *Entre na Roda!: Uma Metodologia de Formação Humana da Sala de Aula ao Desenvolvimento Organizacional*, dá continuidade aos anteriores: retoma os dois instrumentos metodológicos – a Roda e o Registro –, descritos no primeiro livro, e a concepção de autoformação, desenvolvida no segundo. *Entre na Roda!* reapresenta ferramentas e conceitos em diferentes contextos de vida e trabalho, com narrativas que explicitam de que forma utilizá-los como metodologia ampla favorecedora da formação humana, nos vários contextos de vida pessoal e profissional.

O Diário como iluminador de novos caminhos

Em *A Roda e o Registro*, refiro-me em especial a um tipo de registro: o Diário do professor, uma verdadeira ferramenta de trabalho. Ferramenta para sua reflexão, autoconhecimento e para a elaboração de projetos pedagógicos com significados para um grupo específico de alunos, ouvindo-os e repensando, com eles, os rumos da aprendizagem, para além dos planos de ensino. O que significa estar sempre em processo de criação.

Mas não existe um modelo único para se registrar. O Diário é construído por cada professor que lhe dá uma forma própria, de acordo com as necessidades de cada momento, de cada realidade de trabalho. Desde 1983, quando dava aulas para crianças pequenas na Educação

Infantil, registrava a prática no Diário. Mas com os anos, sua forma foi mudando. Naqueles primeiros anos, a maior preocupação era a de descrever fatos, atividades e comportamentos meus e dos alunos (o que volto a fazer quando estou diante de uma realidade totalmente nova, como quando comecei a atuar no mundo corporativo). Posteriormente, passei a registrar mais os pensamentos sobre os fatos, sobre os sentimentos e sobre os próprios pensamentos, além das avaliações e planejamentos. A reflexão sobre o vivido foi aprofundando-se, e, através dela, pude encontrar soluções criativas para os problemas que apareciam. As descrições continuavam ocorrendo, porém, serviam de embasamento e retroalimentavam as reflexões.

A reflexão é um pensamento ao 2º grau, no qual o homem re-pensa o que estava fazendo. Assim, refletir é olhar a própria ação de uma maneira particular e à distância. É tomar uma certa distância para melhor julgar o que se está fazendo, ou o que se fez, ou o que se fará. Essa distância é necessária se se pretende dar uma significação às próprias ações, isto é, medir as dimensões e as consequências dos próprios atos: colocá-los em totalidades maiores; orientar-se neles. Este esforço de coerência e de lucidez abre o horizonte da ação, permitindo sentir melhor os limites e as possibilidades da ação (FURTER, 1996, p. 28).

O Registro permite que vejamos a historicidade do processo de construção dos conhecimentos, porque ilumina a história vivida e auxilia a criação do novo a partir do velho. Oferece segurança porque relembra as dificuldades anteriores e a sua superação, dando coragem para enfrentar novos desafios e dificuldades, que, como as anteriores, poderão ser superadas.

A vivência do Registro, sob essa perspectiva, nos remete ao campo da humildade, através do aprendizado de conviver com a dúvida, com as incertezas, o que não significa insegurança. E com isso favorece uma apropriação do crescer com a coragem necessária para abandonar as

certezas antigas e caminhar na direção do novo, da criação.

Escrever o Diário, após um dia de trabalho que despertou dúvidas, ou aborrecimentos, ou mesmo apatia, é como um chamado à criação. É um momento de introversão marcado pelo silêncio do mundo externo. Esse silêncio é necessário ao ato criativo, pois silenciar os ruídos das agitações do cotidiano é criar oportunidade para deixar que as intuições e inspirações manifestem-se. Um movimento semelhante ao do poeta que luta com a ausência de sentido, “até que o silêncio responda, e que o Não-Ser seja” (MAY, 1982, p. 81).

Em minha prática, a escrita do Diário representava esse silêncio criativo que ajudava a alimentar as atividades do dia seguinte, marcando o retomo à prática. Representava a *busca dos sentidos* que, na sala de aula, habitavam entre mim e os alunos. Era como se abrisse espaço para conhecimentos diferentes daqueles aos quais tinha acesso pela via consciente e racional. Podia tomar conhecimento de sentimentos dos quais não suspeitava. Mas, para abrir esse espaço, era necessário ter disciplina. Uma disciplina de alternância entre as atividades do cotidiano e a reflexão. Disciplina de viver a alternância entre a cidade e a montanha que habitam em nós.

Outro aspecto que a escrita do Diário possibilita está ligado ao autoconhecimento. Percebo que esse tipo de escrita possibilita o acesso a camadas mais profundas de nós mesmos que, sem esse registro, poderiam não chegar ao nosso conhecimento. Porém, possibilita também o conhecimento de aspectos muitas vezes indesejados e sombrios. Mas, uma postura de abertura e determinação pela ampliação do (auto) conhecimento pode iluminar o caminho para a conquista de uma coerência interna, integradora, e contribuir para a aproximação entre o idealizar e o concretizar, entre o pensar e o agir.

Conhecer nosso lado sombrio ajuda na tolerância em relação ao outro, possibilitando o encontro com o outro como ele é e não como gostaríamos que fosse para satisfazer a nossa própria incompletude. Pode ser, então, um caminho para não sermos presas fáceis de nossas projeções. Felizmente, ao olhar para o

interior de nós mesmos, com o auxílio do Diário, não encontramos apenas nossos aspectos sombrios, mas também recursos de que não suspeitávamos, que revelam uma fonte pessoal de força para enfrentar problemas que antes pareciam insolúveis.

Apesar do Diário do professor não ter os mesmos objetivos que o *Diário intensivo* de Ira Progoff², percebo semelhanças, por exemplo, quanto ao autoconhecimento e à exploração dos diálogos interiores como via de acesso à poesia interior de cada um. A introspecção, através do Diário, possibilita aproximarmo-nos de “uma poesia, uma beleza, um conteúdo espiritual, que estão completamente ausentes de nossa civilização, justamente por causa da desconfiança com relação à subjetividade” (NIN, 1980, p. 99).

Segundo Ira Progoff, a escrita do Diário trabalha no sentido de um aprofundamento da *qualidade* da experiência vivida, o que ajuda, na ativação dos arquétipos³, no desenvolvimento pessoal de modo criativo e na abertura do indivíduo para relacionar-se com a sincronicidade. Isso não quer dizer de maneira alguma que a ocorrência da sincronicidade restrinja-se àqueles que busquem um aprofundamento de sua experiência, nem que isso tenha que ser feito obrigatoriamente através da escrita do Diário, pois “onde quer que haja seres humanos, sempre ocorrem eventos sincrônicos e, de fato, é bem provável que uma vez que saibamos o que procurar, venhamos a descobrir que o número desses eventos é muito maior do que supúnhamos” (SILVEIRA, 1968, p. 77).

A escrita como oportunidade formativa

Em *Rodas em Rede*, trago pesquisadores que analisaram registros de professores para pensar em estratégias de formação por meio da análise de práticas.

2. Método de desenvolvimento pessoal por meio da escrita, fundamentado na Psicologia Profunda e elaborado por Ira Progoff, psicólogo e seguidor de Jung.

3. Arquétipos, no sentido junguiano, são imagens primordiais inatas, presentes no inconsciente coletivo, que se refletem em diversos aspectos da vida humana e servem de matriz para a expressão e o desenvolvimento da psique.

Mary Louise Holly, professora da Kent State University nos EUA, por exemplo, utilizou os diários biográficos de professores para investigar sua vida profissional e constatou algumas características comuns. Dos quarenta diários analisados, identificou algumas características comuns: o *desconforto* no abandono de modos confortáveis e no enfrentamento do novo ao deparar-se com as inconsistências que, no discurso falado passam rapidamente, mas no papel permanecem “olhando inexpressivamente e esperando pacientemente a sua interpretação”; o *distanciamento* com relação à experiência cotidiana, promovendo a “capacidade de recuar e olhar para um problema de múltiplos pontos de vista [o que] torna-o provavelmente resolúvel, compreendido e/ou aceite”; a *transformação de perspectivas*, que se dá através de transformações da própria estrutura de pressupostos, propiciada pela reflexão no diário; a *atenção focalizada*, pois o professor que reflete no diário desenvolve sua capacidade de decidir focalizar a sua atenção em outras coisas que puderam passar-lhe despercebido no cotidiano e que são importantes, escapando, assim, do direcionamento externo das situações emergentes desse cotidiano sobre ele; a *voz* do professor pode tornar-se visível quando ele aprende a interpretar a sua vida através da escrita autobiográfica, devido à exploração da própria personalidade, isto é, propicia a aproximação ao “eu autêntico” (HOLLY, 1992, p. 104-108).

Miguel Zabalza, professor da Universidade de Santiago de Compostela, também tomou os *Diários de aula* como instrumento de investigação e os analisou sob vários aspectos. Quanto ao próprio fato de escrever, diz que o professor aprende através de sua narração, ao construir sua experiência linguisticamente, de modo que sua narrativa constitui-se em *reflexão* e esta promove uma função epistêmica em que as representações do conhecimento são modificadas e reconstruídas no processo de serem recuperadas por escrito.

As unidades de experiência que se relatam são analisadas ao serem escritas e descritas de outra perspectiva, veem-se com uma “luz diferente”. É a ideia do “descentramento” brechtiano: a personagem que descreve a experiência vivida

dissocia-se da personagem cuja experiência narra-se (o eu que escreve fala do eu que agiu há pouco; isto é, o eu que escreve é capaz de ver-se a si mesmo em perspectiva em uma espécie de negociação a três: eu narrador – eu narrado – realidade) (ZABALZA, 1994, p. 95).

Não apenas entre professores a escrita da própria prática tem sido referida por seus méritos formativos. A psicopedagoga argentina Alícia Fernandez conta sua própria experiência em trabalho de atendimento a uma professora:

Decidi, então, com audácia, iniciar um caminho mais árduo, trabalhando sem supervisão psicopedagógica. Escrevia o que ia pensando sobre as sessões. Em minhas notas, dialogava com minhas preocupações, minhas dúvidas, minhas perguntas e minhas respostas. Utilizava o escrever como um terceiro (FERNANDEZ, 1994, p. 80).

A escrita em forma de narrativa facilita que esta seja uma experiência formativa, tanto para o narrador quanto para o ouvinte/leitor. Walter Benjamin em seu conhecido texto “O Narrador”, falava do desaparecimento do narrador entre nós, atribuindo como causas desse desaparecimento a perda do valor das experiências e o surgimento de uma nova forma de comunicação, a informação, que inaugura o universo das explicações e da verificabilidade, preocupações ausentes na narrativa.

Metade da habilidade de narrar reside na capacidade de relatar a estória sem ilustrá-la com explicações. (...) O extraordinário e o maravilhoso são sempre relatados com a maior exatidão, mas o relacionamento psicológico dos fios da ação não é oferecido à força ao leitor. Fica a seu critério interpretar a situação tal como a entende (BENJAMIN, 1975, p. 67).

E por não ser tudo oferecido ao leitor/ouvinte, há a possibilidade de sua inclusão, de maneira que ele pode tornar-se co-autor da história, que também

se torna sua. “Um conselho, fiado no tecido da existência vivida é sabedoria” (BENJAMIN, 1975, p. 65). Benjamin apresenta a narrativa como uma forma artesanal da comunicação, que deixa transparecer a marca do narrador, tal como a mão do artista é percebida na obra da cerâmica. Entendo que essas palavras significam que a singularidade do narrador faz-se presente em seu texto, de maneira que, transpondo para a narrativa da experiência profissional, a pessoa também se revela como identidade única.

Com o desaparecimento do narrador, a troca de experiências, que acontecia por seu intermédio, aproxima-se do fim, de modo que o ouvinte perde tanto seu conselheiro quanto a oportunidade de aprender com sua experiência. Portanto, resgatar a “arte de narrar” é também investir na oportunidade de aprender com a partilha das experiências de vida, sobretudo atualmente, meio século depois do texto de Benjamin, em que já vivemos na denominada “sociedade da informação”.

A metodologia Roda & Registro

Em *Entre na Roda!*, retomo os trinta anos de experiências com Registros em variados contextos profissionais e pessoais e apresento-os como parte de uma metodologia de trabalho (e de vida) a serviço da autoformação: a metodologia Roda & Registro (R&R). Nesse livro, o conceito da autoformação é também explicitado, pois os Registros não têm um fim em si, mas são ferramentas para o desenvolvimento contínuo da pessoa e de seu entorno. Formação de alunos e de professores. Formação de gestores e de suas equipes. Formação profissional ligada à pessoa, pois nas profissões relacionais é impossível separar as dimensões profissionais das pessoais. Formação que se dá na interação com os outros, daí as Rodas de Partilha serem, ao lado dos Registros, a outra ferramenta da metodologia R&R.

Ao sistematizar a metodologia, apresento os variados tipos de Registro, também os utilizados no meio empresarial, um contexto muito diferente do educacional em um sentido, mas muito parecido em outro: há pessoas em interação,

podendo fazer do ambiente de trabalho um “ambiente formativo”, dependendo da qualidade dessas interações.

Em *Entre na Roda!*, abordo também os portfólios como um tipo especial de Registro e apresento exemplos de sua utilização na escola, na universidade e na vida profissional, trazendo depoimentos de seus autores. Fica aqui o convite para a leitura desse livro, que é desde o título um convite para os leitores entrarem na Roda, narrando suas próprias histórias de vida pessoal e profissional. Quem sabe suas experiências possam ser tomadas como conselho e sabedoria, como nos ensinou Benjamin, e assim alimentamos a rede humana de interformação.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. O Narrador: Observações Acerca da Obra de Nicolau Lescov. In: *Textos Escolhidos – Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor Adorno e Jürgen Habermas*. São Paulo: Abril, 1975. (Coleção Os Pensadores)
- FERNÁNDEZ, Alicia. *A Mulher Escondida na Professora*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FURTER, Pierre. *Educação e Reflexão*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- HOLLY, Mary Louise. Investigando a Vida dos Professores: Diários Biográficos. In: NÓVOA, António (org.). *Vidas de Professores*. Porto: Ed. Porto, 1992.
- MAY, Rollo. *A Coragem de Criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- NIN, Anais. *Em Busca de um Homem Sensível*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- WARSCHAUER, Cecília. *Entre na Roda!: Uma Metodologia de Formação Humana da Sala de Aula ao Desenvolvimento Organizacional*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. No prelo.
- _____. *Rodas em Rede: Oportunidades Formativas na Escola e Fora Dela*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. *A Roda e o Registro: Uma Parceria Entre Professor, Alunos e Conhecimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- ZABALZA, Miguel. *Diários de Aula*. Porto: Ed. Porto, 1994. ■